

30 ABR 2005

BRAZIL
CORREIO
MENOS

AJUSTES *Economia* *Brasil* Política monetária mantida

Murilo Portugal, o novo braço-direito do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, teve ontem uma primeira reunião com a equipe. Mas ele só assumirá formalmente a nova função em meados de maio, quando devem sair os decretos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva formalizando as mudanças. Antes disso, Portugal ficará em Washington preparando o retorno ao Brasil. A substituição no Banco Central poderá levar ainda mais tempo. Para assumir a Diretoria de Estudos Especiais, Alexandre Tombini terá de ser sabatinado pelo Senado.

A mudança na equipe não deverá provocar alterações na condução da política econômica, segundo avaliaram o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, da Tendências Consultoria Integrada, e o consultor Raul Velloso. Os dois acham que, ao contrário, Palocci conseguirá a partir de agora ainda mais eficiência na linha que já vinha sendo seguida.

"Será o maior arrocho de caixa da história do país", disse Raul Velloso. "Com o Joaquim Levy e Murilo Portugal, não vai ter para ninguém." Levy é o secretário do Tesouro Nacional, conhecido nos ministérios por ser um intragente defensor do caixa federal. É a mesma linha de atuação de Portugal, que quando foi secretário do Tesouro, nos governos Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, ganhou apelido de "doutor Não", pela quantidade de "nãos" que distribuía pelo governo. Palocci terá agora dois assessores diretos para manter o cofre fechado.

"Portugal é a maior aquisição que o ministro Palocci já fez para sua equipe", afirmou Mailson. Ele lembrou que, dada a larga experiência de Portugal no governo, é um perfil mais adequado para a função de secretário-executivo do Ministério da Fazenda, um cargo cuja função principal é pôr em funcionamento as engrenagens da burocacia. "Ele detém maior conhecimento dos meandros do setor público e é mais articulado no relacionamento com o Congresso, os estados e diferentes áreas do governo federal."

Velloso também achou positiva a ida de Bernard Appy para a Secretaria de Política Econômica (SPE). Atualmente, Appy é o secretário-executivo e cederá o posto a Portugal. "Appy é um economista com o perfil formulador, necessário à SPE. Na secretaria executiva, ficava muito envolvido com a papelada." Appy vai para o lugar de Marcos Lisboa, que pediu demissão alegando motivos pessoais.

"A saída de Lisboa certamente implicará diminuição do ritmo e coerência das reformas microeconômicas", lamentou o Edward Amadeo, da Tendências. Amadeo foi titular da SPE no governo FHC, após um período como ministro do Trabalho.

No governo, Lisboa se ocupou de temas como a Lei de Falências, os novos instrumentos para financiar o setor habitacional e participou da formulação do novo modelo do setor elétrico, entre outras medidas da microeconomia.